

A LEITURA NO ENSINO SUPERIOR

Miguel Rettenmaier da Silva – miguel@upf.br

Professor da Universidade de Passo Fundo-UPF, atuando na Graduação, Mestrado e Doutorado, Doutor em Teoria da Literatura pela PUCRS, com Pós-Doutorado pela Universidade de Santiago de Compostela, pesquisador da obra de Josué Guimarães.

Margarete Maria Soares Bin – margaretesbin@yahoo.com.br .

Doutoranda e bolsista em Letras, área de Pesquisa: Leitura e Formação do Leitor pela UPF.

RESUMO: A preocupação em incentivar a leitura, principalmente no meio acadêmico, é o foco deste trabalho. Para mostrar que há alternativas que podem dar certo, apresenta-se um projeto teórico prático realizado por uma Universidade de Passo Fundo, a qual alia pesquisa em sua atividade relacionando com as disciplinas do semestre, colocando em prática tal aprendizado e fazendo uso, principalmente nas aulas de Língua Portuguesa das tecnologias digitais para o melhor desempenho do trabalho. Percebe-se, assim, que é possível reverter o quadro insatisfatório que se apresenta quando o estudante ingressa no ensino superior sem motivação para ler, basta a Universidade/Faculdade fazer a sua parte e o projeto ora aqui relatado torna-se uma estratégia possível, com professores de outras áreas engajados com a disciplina de Língua Portuguesa, além de contar com toda comunidade acadêmica. A Universidade precisa mostrar à sociedade a importância da leitura no decorrer da vida estudantil, para que o estudante chegue na graduação melhor preparado para tornar-se efetivamente um leitor/pesquisador. Assim, utilizou-se de pesquisa qualitativa, buscando, principalmente subsídios dos teóricos: Katherine Hayles, Róger Chartier, Lúcia Santaella e Henry Jenkins para a construção dos significados. O que se constata, pelas teorias estudadas e pela prática registrada é que ao se utilizar de mecanismos e métodos inovadores que contemplem à leitura logo que o universitário ingresse na instituição de ensino, pode-se formar profissionais pesquisadores em todas as áreas, pois o estudante precisa de motivação e esta se encontra vinculada a forma como o docente conduzirá o trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: leitura; pesquisa; tecnologia.

1 INTRODUÇÃO

Observa-se constantemente na mídia a divulgação de dados referentes à leitura em nosso país. Os índices geralmente mostram-se assustadores quando se pensa quão grande é a importância de ler para todos e tão pequena a proporção de leitores.

Ao contrário do que muitas vezes se pensa, ela não é apenas preocupação do ensino fundamental, mas faz-se imprescindível no ensino superior.

Eis o foco deste trabalho, o qual tem o intuito de mostrar uma alternativa de pesquisa, que une a leitura, pesquisa e tecnologia no ensino superior, com a finalidade de formar leitores. Se a leitura é primordial, ela precisa ser constante em todas as disciplinas e não somente em Língua Portuguesa e Metodologia, embora nestas áreas o trabalho se torne mais intenso.

Assim, por meio da pesquisa qualitativa e com o amparo dos teóricos que tratam sobre leitura e o digital, buscou-se construir conhecimentos que corroborassem para a efetivação deste artigo, dentre eles Katherine Hayles, Róger Chartier, Lúcia Santaella e Henry Jenkins.

Desta forma, primeiramente, discute-se sobre a importância da leitura e na sequência descreve-se o projeto realizado numa instituição de ensino de Passo Fundo. Após, parte-se para as considerações finais do trabalho.

2 UM OLHAR APURADO SOBRE A LEITURA E TECNOLOGIA

A leitura é o grande desafio da educação na atualidade, tendo em vista outras opções interessantes que se apresentam aos estudantes.

Diante da necessidade de aprendê-la para escrever melhor, falar com propriedade e adquirir conhecimentos, a leitura torna-se a base da aprendizagem, sendo a principal preocupação do docente de Língua Portuguesa na Universidade, período em que muitos acadêmicos veem a leitura como forma de estudar conteúdos para passar nas provas e se encontram sem iniciativa para começar e/ou voltar a ler.

Considerando o papel deste professor como mediador nessa atividade, cabe registrar que este deve oportunizar situações de aprendizagem aliadas aos conteúdos de ensino. Assim, o ambiente digital, torna-se mais do que um convite, é uma forma de trazer para à aula aquilo que o estudante vivencia fora dela. Por isso, torna-se pertinente que a leitura seja oferecida de diversas formas, embora haja resistência por parte de muitos educadores em se utilizar dos aparatos digitais. O medo do manusear por parte da maioria dos educadores, dificulta sua disseminação. Na maioria das vezes, o que se percebe é que na escola circula o texto impresso ou digitalizado, estando às salas de aulas, muito distantes da leitura que se almeja.

A fim de avançar no entendimento torna-se pertinente as colocações de Chartier (1994):

Se abrem possibilidades novas e imensas, a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a sua condição: ela substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico; às relações de contigüidade estabelecidas no objeto impresso ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à captura imediata da totalidade da obra, tornada visível pelo objeto que a contém, ela faz suceder a navegação de longo curso entre arquipélagos textuais sem margens nem limites. Essas mutações comandam, inevitavelmente, imperativamente, novas maneiras de ler, novas relações com a escrita, novas técnicas intelectuais. (CHARTIER, 1994, p. 100-101)

Seguindo as colocações acima, Levy (2010) afirma que a tela, como novo espaço de escrita, traz significativas mudanças nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento.

Há que se considerar que o ato de ler, realizado no ensino superior, em sala de aula, muitas vezes, é o único momento de contato dos acadêmicos com a leitura, dessa maneira, a motivação para a atividade, dependerá do grau de envolvimento proporcionado pelo docente, já que os estudantes nascem praticamente envoltos pela tecnologia. Daí decorre a preocupação com o letramento digital. Segundo Almeida (2005)

A fluência tecnológica se aproxima do conceito de letramento como prática social, e não como simplesmente aprendizagem de um código ou tecnologia; implica a atribuição de significados às informações provenientes de textos construídos com palavras, gráficos, sons e imagens dispostos em um mesmo plano, bem como localizar, selecionar e avaliar criticamente a informação, dominando as regras que regem a prática social da comunicação e empregando-as na leitura do mundo, na escrita da palavra usada na produção e representação de conhecimentos (ALMEIDA, 2005, p. 174).

O estudante precisa sair da universidade preparado para o mundo tecnológico, pois os avanços nesse setor são constantes, assim, ser letrado, requer transformações nas formas de ler e escrever a linguagem verbal e não verbal, tendo um suporte diferenciado. Colaborando com essa ideia, é importante salientar que para Costa e Carotti (2016) na contemporaneidade, as propostas de ensino precisam levar em conta os letramentos sociais e tecnológicos, a fim de criar alternativas de aprendizagem e possibilitar aos alunos interagir de forma mais efetiva diante de demanda social em práticas letradas.

A esse respeito, Katherine Hayles (2009) explicita que “à luz desses avanços, parece razoável supor que os cidadãos em sociedades desenvolvidas tecnologicamente, e os jovens em especial, estejam literalmente sendo reformulados por suas interações com dispositivos computacionais” (HAYLES, 2009, p. 65).

Tal pensamento vai ao encontro de Santaella (2013) quando esta utiliza a expressão pós-humano, no sentido de superar o conceito anterior de humano nos limites físicos, sendo uma mistura de homem e máquina. Ainda, a autora salienta que a revolução digital não está apenas transformando os formatos de comunicação, mas também está ocorrendo modificações mentais e corporais. Assim, o rápido desenvolvimento das tecnologias digitais está alterando os modos de expressão, comunicação e interação nas relações homem/homem e homem/mundo.

As colocações apontadas até aqui conduzem a repensar também o conceito de leitor, o qual vem mudando ao longo dos anos. De acordo com Anjos (2015) o leitor proficiente passou daquele

que sabia meramente decodificar para aquele que faz hipóteses, inferências, entende, interpreta e dialoga com o texto. É necessário, para isso, que os professores, como mediadores da leitura, acompanhem essa evolução, adaptando as aulas às novas percepções, pois um novo perfil de discente está na sala de aula e nesse sentido Lúcia Santaella (2004) fala em leitor ubíquo, o qual ao mesmo tempo em que está presente andando pelos ambientes lendo os signos emitidos por esses locais, é também um leitor imersivo, isto é, navega em programas de leituras muito rapidamente, ao toque do dedo no seu celular pode conversar com alguém que esteja próximo ou muito distante.

Diante disso, pensando em construir uma sociedade informada, torna-se imperioso o envolvimento de várias instituições engajadas em apoiar e não restringir esse ambiente, tornando-o cada vez mais inclusivo. Segundo Jenkins (2009) as mídias são vistas, muitas vezes, como ameaças, em vez de recursos. Enfatiza-se mais os perigos da manipulação do que as possibilidades de participação, restringindo-se, por vezes, o acesso. Assim, torna-se elementar, repensar os objetivos da educação midiática a fim de que os jovens possam efetivamente tornarem-se participativos dessa cultura, construindo uma relação significativa para seu aprendizado.

Por fim, resta dizer, conforme Jenkins (2014) que “o formato de nossa cultura ainda está em fase de transição e ainda é possível lutar coletivamente para definir os termos de um ambiente de mídia propagável e para estabelecer um ambiente de mídia mais inclusivo, mais dinâmico e mais participativo do que antes” (JENKINS, 2014, p. 355).

3 O PROJETO TEÓRICO PRÁTICO OPORTUNIZANDO A LEITURA E PESQUISA

Muitas pesquisas são realizadas pelos acadêmicos para desenvolver o projeto Teórico Prático de uma Faculdade de Passo Fundo. Para incentivar essas leituras e levar os estudantes à compreensão da importância de ler, entra em ação o professor de Língua Portuguesa, o qual torna-se mediador do processo, tentando mostrar o quanto a atividade trará benefícios para a vida acadêmica, profissional e pessoal do discente.

O direcionamento quanto às leituras conta com a orientação dos professores do semestre, ligados diretamente à profissão que o graduando irá atuar. Um exemplo que pode ser citado, é o caso do Curso de Medicina Veterinária, onde a grade curricular do primeiro semestre dispõe de disciplinas como “Histologia”, “Biofísica”, “Anatomia dos Animais”, “Introdução à Medicina Veterinária” nas quais os docentes oportunizam sites com informações atuais, onde o estudante fará a leitura referente ao tema, que é proposto pelos professores do Curso daquele semestre, tendo em vista a escolha por um assunto que abranja todas as disciplinas do período.

Além disso, os professores orientam os estudantes quanto as possíveis dúvidas do desenvolvimento do projeto. Tal procedimento faz reconhecer o que é abordado por Paulo Coimbra Guedes no livro “Ler e escrever compromisso de todas as áreas”, pois essa ação desmistifica a ideia de que somente o encaminhamento de leituras, acompanhamento quanto a estrutura do texto deveriam ser feitas pelo professor de Língua Portuguesa. Aqui se deve salientar que agindo assim, o trabalho se torna interdisciplinar, embora todos os docentes necessitem ter claro o que estão orientando e corrigindo.

É importante destacar que por meio da construção desse projeto, muitos estudantes que não leem há tempo, aumentam seus conhecimentos e acabam gostando de ler, por ser um assunto relacionado a sua área de atuação. Além disso, a cada semestre, o tema muda, assim, acrescentam-se mais informações, o estudante aprende a selecionar, a redigir, interpretar e o mais importante a sentir o prazer de ler, tarefa realizada em todas as disciplinas, não somente no semestre em que há Língua Portuguesa, já que a referida disciplina é ofertada em um semestre.

Convém enfatizar que essa leitura-pesquisa, deveria ser iniciada no ensino fundamental, mas na maioria das vezes isso não acontece. Tal ação precisaria ser mediada pelos professores do Ensino médio, o que tornaria esse aprendizado mais fortalecido, já que a base estaria acontecendo anteriormente. Por deixarem a desejar no Ensino Médio, cabe à Universidade a responsabilidade maior em formar leitores pesquisadores, sendo que o tempo que poderia ser despendido para avançar/aprofundar no aprendizado terá que ser ocupado com instruções básicas. Fora isso, o estudante que sai do Ensino Médio, pode não ter desenvolvido a leitura crítica ou desenvolvido de forma superficial, “Ler é indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da cultura escrita. (LERNER, 2002, p.73).”

Eis a missão maior do ensino superior, além de resgatar leitores, deverá fazê-lo com qualidade num curto espaço de tempo, principalmente em se tratando de Língua Portuguesa, à qual utiliza-se do referido projeto para ensinar vários conteúdos (ou seja, na prática) como coesão e coerência, pontuação, paráfrase, resumo, resenha, uso adequado da linguagem, comunicação e produção textual. Agindo dessa forma, o docente está dando sentido as produções escritas dos estudantes, demonstrando o quanto podem crescer pelas leituras que realizam e que a leitura propicia o desenvolvimento de uma escrita mais elaborada e o falar melhor, já que o trabalho será apresentado oralmente. Soma-se a isso a valorização para o que escrevem e a capacidade de conseguir escrever, graças à leitura que realizam. Cabe aqui as colocações de Figueiredo (1994) “escrever não é um dom nem um privilégio inato de gênios, mas um trabalho aturado e orgânico, um trabalho que envolve um fazer e um refazer” (FIGUEIREDO, 1994, p. 159).

Nesse contexto, as colocações de Rosane Tolentino Maia tornam-se primordiais:

Nos últimos anos, tem sido um aparente consenso na comunidade acadêmica brasileira o de que instituições de ensino universitário devem aliar às práticas de ensino tradicional, elementos que promovam o desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo dos alunos, permitindo, através de uma visão real do mundo, detectar os problemas que o assolam e ao mesmo tempo, dotá-los de ferramentas capazes de promover medidas que ajudem solucioná-los. (MAIA, 2008, p. 01)

Diante desse quadro, o que se observa atualmente é que muitos estudantes que ingressam na Universidade não têm a noção do que é pesquisa, inclusive, o primeiro semestre torna-se o momento mais tenso por ser o primeiro contato que terão com o projeto e sabendo da necessidade de leitura, quando questionados sobre a postura deles enquanto leitores na atualidade, vários graduando partilham suas experiências leitoras referindo-se por vezes, como algo longínquo, outros a utilizam somente para pesquisas em redes sociais e algumas situações diárias, alguns fazem leituras esporádicas e poucos são de fato leitores, que entendem a importância da leitura e dedicam tempo para praticá-la.

Cabe ressaltar que a tarefa de mediar a atividade pelo professor de Língua Portuguesa torna-se compensatória, pois a disciplina é ofertada no 1º ano da graduação, momento de adaptação dos estudantes ao ensino superior, dificuldades enfrentadas quanto à autonomia como estudante, primeiros contatos com as regras básicas para escrever artigo, com isso a possibilidade de orientação inicial quanto ao ato de ler torna-se necessária e servirá como base para os demais anos de pesquisa. Além disso, a atividade é complementada fora da escola, portanto o estudante deve conciliar trabalho e faculdade, mostrando-se responsável na organização e realização das tarefas. Inclusive, ao final do projeto devem realizar pesquisa de campo.

O encerramento do projeto acontece com a apresentação a uma banca composta de três docentes, os quais fazem perguntas relativas ao projeto e avaliam a apresentação oral e escrita. Os estudantes têm 20 minutos para apresentar seus trabalhos, levando em consideração que são preparados para a apresentação oral no decorrer das aulas de Língua Portuguesa, o que será importante para a vida deles, já que não existe atividade profissional que aconteça de forma isolada, a interação é constante.

Assim, volta-se para a importância da leitura nesse processo, tendo como aliada a disciplina de Língua Portuguesa, o estudante é convidado a levar o *not* durante as aulas a fim de proceder a pesquisas ou as atividades acontecem no Laboratório de Informática da Instituição à qual disponibiliza da tecnologia, aproximando-os dos aparatos técnicos usados fora da graduação, já que

instituição não pode ficar alheia às vivências dos estudantes. Da mesma forma, não há como negar as discussões acerca da leitura digital.

Para Zoara Failla:

A tecnologia e a mídia assumiram papel central ao promover novas capacidades e modos de pensar e se relacionar, além de criar “ondas”, celebridades e seguidores estranhos à grande mídia. Essas mudanças na tecnologia e no acesso à cultura digital, a mobilidade e a conexão contínuas e o compartilhamento em rede, além de gerarem uma mudança de paradigma nas relações, na produção e no acesso à cultura, devem impactar também nas formas de leitura, em seus suportes e no acesso à informação; portanto, na aprendizagem e na construção do conhecimento. (FAILLA, 2012, p.81)

Diante disso, o que se pode perceber é que a relação com o conhecimento sofreu alterações. Ao realizarem a pesquisa totalmente em meios digitais, percebe-se que o estudante aprende a se organizar. Escolhe caminhos dentre os apontados pelos docentes, lê para selecionar dados importantes, salva material escolhido, escreve e reescreve, aprimorando sua escrita, em um trabalho totalmente auxiliado pela informatização.

Há que se acrescentar, conforme Chartier (2002) que “a leitura em frente à tela é geralmente descontínua, que procura pelo fragmento que se quer apreender sem que necessariamente deva ser conhecida na totalidade. O leitor pode ou não clicar nos hiperlinks, é uma opção sua, caso deseje maiores informações” (CHARTIER, 2002, p. 23).

Além disso, organizam e aprendem nas aulas de matemática a fazer os gráficos e como proceder a leitura dos mesmos, criam grupos da turma para postar as dificuldades e dirimi-las, trocam modelos de materiais e organizam os slides da apresentação final, com os principais tópicos que devem constar na apresentação. Conforme Dal Molin (2003):

quando se desenvolve um processo educativo flexível, em sintonia com os avanços científicos e tecnológicos, consoantes com uma vontade política embasada na clareza de objetivos e em ações decisivas de mudança comprometidas com a verdadeira renovação do fazer pedagógico, cada ato de ensinar será sempre uma ação diferente seja pelas mediações das tecnologias digitais e outros actantes não-humanos presentes, seja pelas trocas com o docente ou com os colegas que vão alterando e acrescentando nos aprendentes algo substancial às suas vidas privadas e ao coletivo escolar e social (DAL MOLIN, 2003, p. 28).

Cada etapa gera dificuldades para a maioria, que é acostumada em postar nas redes sociais sem preocupações com a formalidade, sem constituir um texto acadêmico, mas percebe-se que começam a utilizar conectivos, desvinculando-se do formato de tópicos e sim de um texto coeso.

Neste espaço de aprendizagem, o estudante sabe que terá que refazer o que não está ainda em condições de fato de ser considerado uma pesquisa, é a etapa mais difícil, pois a maioria não entende o que é pesquisa e sente dificuldades em concentrar-se para ler.

Porém, quando percebem as possibilidades de caminhos a escolher pelo digital, começam a ganhar confiança e entender o que é mergulhar nesse universo de possibilidades e conhecimento. Cabe aqui as colocações de Levy (1999) quando se refere ao *hipertexto* que é "um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor" (LEVY, 1999, p. 56)

Por ser elementar o gosto pela leitura, o trabalho se torna mais difícil com os estudantes que não gostam de ler, eis a responsabilidade em parte que pode ser atribuída à escola fundamental, já que esta não levou, muitas vezes, o estudante a entender a importância de realizar o ato e de realizar uma leitura produtiva. Cabe, então, destacar as considerações de Cattelan:

É justo afirmar que até certo ponto a escola tem sido a responsável por formar um leitor que não atua racionalmente quando constrói significados, ou seja, quando lê. Mesmo quando leva o aluno a ler racionalmente, ela não o tem exercitado no sentido de levá-lo ao domínio das posturas necessárias para que a sua leitura seja mais efetiva. (CATTELAN, 1996, p,32)

Para o autor, os meios de comunicação também contribuem para essa falta de construção de significados, mas considera a escola como fator primordial para exercer as potencialidades leitoras, já que os estudantes destinam certo tempo de suas vidas na escola, sendo suficiente para que se forme bons leitores.

Poder-se-ia dizer que a escola não prepara na maioria das vezes para que o estudante/leitor tenha condições de atuar na sociedade de forma crítica, inclusive porque o próprio professor é um não leitor. Para Zoara Failla (2012) é preciso mais professores leitores com formação cultural e domínio das práticas leitoras que sejam cativantes. Nesse sentido, Tânia Rosing (2012) enfatiza que o governo precisa priorizar o desenvolvimento dos profissionais do ensino para que sejam sujeitos leitores, envolver-se com variados materiais e suportes de leitura. O profissional da educação precisa mostrar-se entusiasmado pela leitura e dizer aos alunos para que estes sejam tocados.

Além disso, as formas como a leitura é trabalhada na escola, desmotiva muitos estudantes. As colocações de Petit (2008) sobre a leitura na França são semelhantes ao Brasil pois trata sobre a forma como se ensina leitura "Queixam-se dos cursos em que se dissecam os textos, nos quais não conseguem se reconhecer. Das abomináveis 'fichas de leitura', dos programas de curso que rendem culto ao passado, de todo o jargão tomado de empréstimo à lingüística com o qual são sufocados etc." (PETIT, 2008, p. 124)

Isso demonstra o quanto é preciso avançar nos níveis de leitura, o quadro que se apresenta mostra a precariedade do ensino no Brasil, com um ensino médio que se desenvolve com baixa qualidade e que se prolonga durante o ensino universitário.

Para Rosane Tolentino Maia (2008) a grande maioria dos cursos de ensino médio e os cursos preparatórios para os vestibulares preparam o aluno apenas para realizar a prova, mas não desenvolvem nele o raciocínio, o senso crítico e o conhecimento de base. Para a referida autora obras literárias importantes são resumidas de forma descaracterizada, em poucos parágrafos. Já sem cultura básica, nossos jovens também não são estimulados à leitura dos jornais e revistas, que também se constituem em fonte imprescindível de informação e formação.

Mediante esse contexto empobrecedor, observa-se que trabalhar com projetos de pesquisa com o uso da tecnologia torna-se uma alternativa primordial na graduação. Os avanços na aprendizagem são percebidos no decorrer das aulas pelos docentes, especialmente em se tratando de Língua Portuguesa, onde o estudante começa a perceber que não estruturou corretamente o parágrafo, visualiza a escrita correta das palavras, entende a importância das conexões, escreve, reescreve. Os sinais mais visíveis são apontados a partir do segundo semestre, em que o estudante observa o crescimento do primeiro trabalho para o segundo.

Outro item que merece destaque, refere-se ao enriquecimento nas discussões não só na disciplina de Língua Portuguesa, mas nas demais áreas, além de aprimorar suas contribuições por sentir-se mais seguro para falar em público, o estudante consegue argumentar porque conhece melhor sobre sua profissão, já que está lendo. Além disso, os estudantes ficam mais atentos às aulas, pois ao estarem engajados num projeto, ficam conectados ao que é ensinado em sala de aula a fim de selecionar o que pode ser aproveitado da fala do professor na escrita do projeto. Sem contar que, em se tratando de Língua Portuguesa, ao se ensinar determinado conteúdo, explica-se como será utilizado no projeto.

As ligações entre o que estão aprendendo e o que aprenderam tornam-se constantes, pois ao realizarem leitura para um projeto no semestre anterior, conseguem associar mais facilmente com a teoria estudada no semestre seguinte, em razão de terem colocado em prática tal estudo, pois leram, escreveram e falaram sobre ele. O projeto dá sentido à aprendizagem.

O que se percebe é que pensar num projeto como este envolve toda a instituição: direção (dando as diretrizes), professores (conduzindo o trabalho), discentes (executando), bibliotecária (profissional da área que auxilia na busca do referencial teórico, pesquisas nos computadores do local) e além disso a família do mesmo modo precisa estar engajada, pois o discente necessita de tempo fora da escola para o êxito do projeto, a fim de proceder suas leituras, logo, os familiares devem ter uma noção do que é o projeto, o que envolve, para incentivar o estudante a despende

do tempo que for preciso às suas leituras e pesquisas.

Dessa forma, pode-se dizer que o projeto ainda está engatinhando, mas a intenção é mostrar que esta é uma experiência que vem dando resultado no meio acadêmico, já que visa o compromisso com a pesquisa não só em Língua Portuguesa como também em todas as áreas.

Por fim, registra-se, seguindo Dal Molin (2003) que

[...] pequenos Acontecimentos ocorridos no espaço escolar redundem naquilo que denominamos Acontecimento maior da Aprendizagem, concebida como um modo de ensino-aprendizagem no qual a aquisição de saberes, a construção de conhecimentos, a lida com as tecnologias de comunicação digital, efetivam-se num jogo de alternância e simbiose entre professor e aluno – aprendentes – ambos em constantes trocas, de vivências educativas que se movem por entre os conhecimentos vários, as linguagens múltiplas, os saberes possíveis, os contatos variados (presenciais e a distância, que a tecnologia e sua virtualidade permitem) sem a preocupação de estabelecer fronteiras e pré-requisitos, porém, ocupados todos em reorientar o próprio viver. (DAL MOLIN, 2003, p. 24-25)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se, aqui, mostrar um trabalho desenvolvido pelo ensino superior que envolve leitura, pesquisa, conhecimento, uso dos meios tecnológicos na disciplina de Língua Portuguesa e nas demais disciplinas de cada semestre.

A intenção é de que realmente sejam formados pesquisadores na graduação pelos usos dos meios digitais, contando com a colaboração e incentivo dos docentes, tendo como primordial a disciplina de Língua Portuguesa nesse processo, embora conte com apenas um semestre de aula.

Assim, acredita-se que ler por ler, não basta, é preciso formar leitores que saibam usar do aprendido em diversas circunstâncias.

Verifica-se, ainda, que a mediação da leitura não acontece de forma satisfatória no decorrer dos anos de ensino fundamental, há lacunas, como por exemplo quando se percebe a falta do entendimento por parte do estudante da importância de ler, pois ele quer saber o que isso refletirá na sua vida. Talvez seja esse o principal fator para se começar a pensar em progressos significativos ao jovem estudante que ingressa no ensino superior distante do ato de ler há muito tempo.

Vale considerar que as bibliografias utilizadas neste trabalho como suporte, apontam que a leitura é a base da educação de qualquer nível de ensino. Embora ela deva ser bem estruturada no Ensino Fundamental, não há como deixar o estudante que chega na universidade simplesmente prosseguir da mesma forma que veio.

É possível encontrar alternativas que encorajem esses estudantes a começarem a ler e o incentivo deve partir da instituição juntamente com o docente de Língua Portuguesa.

Porém, este deve estar preparado para isso, atualizado, sabendo usar de diversos suportes, sendo conhecedor de várias fontes, que ofereça livros, conheça sites, proporcione aulas com o uso de suporte digital, disponibilizando momentos no Laboratório de Informática, enfim, atualizando-se.

Todavia, tem-se conhecimento de que o docente (independente da área que atua) fará parte de um semestre de aula desses discentes, mas dentro desse tempo é possível direcionar por meio do projeto teórico prático atividades de leitura que os incentivem a ler, a pensar e em decorrência disso, a escrever melhor.

Portanto, longe de ter esgotado o tema “leitura no ensino superior”, a intenção é que por meio do projeto teórico prático aqui apresentado e pelas contribuições dos autores apontados, outras pesquisas aconteçam sobre o tema, servindo, inclusive de contribuição para o aprimoramento do referido projeto e sobretudo, que a leitura se desenvolva com afinco a partir do Ensino Médio, para que a graduação consiga desenvolver melhor o seu papel de formar pesquisadores leitores.

5 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. **Letramento digital e hipertexto:** contribuições à educação. In: SCHLÜNZEN JUNIOR, Klaus (Org.). *Inclusão digital: tecendo redes afetivas/cognitivas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

ANJOS, Valéria Maria Sant’Ana Britto dos. **Ênfase à leitura literária na escola:** um caminho para formação do leitor crítico. Santo Antônio de Jesus-BA, 2015.

CATTELAN, João Carlos. **A leitura na escola:** uma tipificação do leitor. *Tempo da Ciência*, Toledo: Editora Toledo, v.01, n.03, p. 3-10, 1º sem. 1996.

CHARTIER, Róger. **Do códex à tela:** as trajetórias do escrito. In: Chartier, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília, DF: UnB, 1994. p. 95-111.

CHARTIER, Róger. **Língua e leitura no mundo digital:** Os desafios da escrita. São Paulo: Edunesp, 2002.

COSTA, Geilson Silva; CASOTTI, Janayna Bertollo Cozer. **A produção de hipercontos no contexto do ensino médio:** contribuições da prática multiletrada. *Colóquio de Estudos Linguísticos*; Vitória-ES; v. 1; n. 1; 2016

DAL MOLIN, Beatriz Helena. **DO TEAR A TELA:** Uma tessitura de Linguagens e Sentidos para o processo de Aprendizagem. 2003. 214 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção-Área de concentração em Mídia e Conhecimento)- UFSC. Florianópolis.

FAILLA, Zoara. (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012. pp. 93-106.

GUEDES, Paulo Coimbra; SOUZA, Jane Mari de. Não apenas o texto mas o diálogo em língua escrita é o conteúdo da aula de português. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt. (org.) et ali. **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

HAYLES, N. Katherine. **Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário**. São Paulo: Global, 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. Tradução Patrícia Arnaud. São Paulo: Aleph, 2014.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola**. O real, o possível e o necessário. Porto Alegre. Artmed. 2002.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 2010.

MAIA, Rosane Tolentino. **A importância da disciplina de metodologia científica no desenvolvimento de produções acadêmicas de qualidade superior**. Revista Urutaguá, PR, n. 14, 2008.

PETTI, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Ed. 34, 2008.

ROSING, Tânia Mariza Kuchenbecker. Esse Brasil que não lê. In: FAILLA, Zoara. (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012. pp. 93-106.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil do leitor imersivo**. São Paulo: Paullus, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua. Repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: IBPEX, 2012.

Title

Reading in higher education

Abstract

The concern to encourage reading, especially in the academic world, is the focus of this work. To show that there are alternatives that can work, a practical theoretical project is presented by a University of Passo Fundo, which combines research in its activity relating to the subjects of the semester, putting into practice such learning and making use, especially in Portuguese language classes of the digital technologies for the best performance of the work. It can be seen that it is possible to reverse the unsatisfactory picture that presents itself when the student enters higher education without motivation to read, it is enough for the University / Faculty to do its part and the project here reported becomes a possible strategy, with teachers from other areas engaged in the Portuguese Language course, besides having all the academic community. The University needs to show society the importance of reading throughout the student life, so that the student arrives at the graduate level better prepared to effectively become a reader / researcher. Thus, we used qualitative research, seeking mainly subsidies of theorists: Katherine Hayles, Róger Chartier, Lúcia Santaella and Henry Jenkins for the construction of meanings. What is verified by the theories studied and the recorded practice is that by using innovative mechanisms and methods that contemplate reading as soon as the university enters the teaching institution, it is possible to train professional researchers in all areas, since the student needs motivation and this is linked to how the teacher will lead the work.

Keywords

Reading; search; technology.

Recebido em: 01/09/2017

Aceito em: 12/12/2017